

# A BATALHA

Director interino: JOAQUIM DE SOUSA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9550; Província, 3 meses 23550; África Portuguesa, 6 meses 66500; Estrangeiro, 6 meses 102500  
PAGAMENTO ADIANTADO

## A mortalidade infantil

A mortalidade infantil é um flagelo que não tem merecido aos poderes públicos um momento de atenção. As causas desse flagelo são variadas, mas, na sua maioria, perfeitamente evitáveis. A ignorância das mães, a falta de assistência às crianças pobres e a escassez de sanidade pública são as causas primordiais da mortalidade infantil.

Se houvesse em Portugal mais atenção pela infância, a raça—essa raça que baila, por vezes, em ócio palavriado nas colunas da imprensa burguesa—estaria sensivelmente melhorada.

Não é com festas espalhafatosas de educação física, onde se exibem alguns milhares de crianças raquíticas, que a raça se purifica. A assistência à criança tem de começar na mais tenra idade e até antes de nascer, com cuidados especiais pelas mulheres grávidas.

De que servem essas mirabolantes festas da raça, se a raça que se exhibe está definida, por mal assistida de cuidados?

Inúmeras são as crianças que morrem ou se arruinam para sempre com doenças intestinais. De que provêm essas doenças? Das manobras criminosas dos comerciantes e industriais de produtos de alimentação. O leite é geralmente falsificado. Ultimamente a polícia tem desoberto inúmeros falsificadores de leite. Mas ficam muitos por descobrir que são a grande maioria.

E' das mais repugnantes a acção dos vendedores de leite. E' um crime consciente, premeditado, feroz, praticado a frio, que repugna e revolta. Não tremerá a mão a esses assassinos quando misturam no leite toda a espécie de venenos que vão intoxicar doentes e crianças?

Mas não são apenas os negociantes de leite que fazem mixórdias ignóbeis. Os que vendem azeite com misturas de óleos indigestos, os que impingem a carne e o peixe podres, os que nos restaurantes preparam repastos com géneros avariados, são outros tantos criminosos que, dia a dia, atentam contra a saúde e a vida de uma população, sem ao menos se lembrarem dos doentes e das crianças que enternecem sempre os corações por mais endurecidos.

Achamos absolutamente inútil a perseguição que se está fazendo agora aos falsificadores do leite. O que é preciso — para evitar as causas da mortalidade infantil — é remodelar de uma maneira geral as condições de vida da população, tendo em especial atenção a assistência que se deve à infância. E esta obra só pode realizar-se com perfeição por meio de uma remodelação social que destrua o mal pela raiz: — a organização capitalista essencialmente criminosa. Sem essa remodelação, poderá haver boas intenções, mas não haverá resultados profícuos, porque o germe do mal perdura.

### TEMAS DE ACTUALIDADE

## As causas determinantes da reacção

A reacção é uma das mais devastadoras consequências da guerra. A reacção segue a guerra como a sombra segue o corpo. A guerra demonstra a exasperação da autoridade, o oprimido dos cidadãos, a preeminência da casta militar que conquista um império absoluto sobre todas as condições de vida, a absorção tirânica de todas as energias sociais, a pretexto da defesa da pátria, para deles dos privilégios burgueses e políticos e satisfação de ambições imperialistas.

A guerra também demonstra, consequentemente, por parte da grande massa popular, a abdicação da vontade, a renúncia de todos os direitos conquistados, a entrega passiva da vida, a liberdade e o bem estar à mercê do sanguinário sadismo guerreiro, o alienamento de todas as garantias pessoais, a anulação, enfim, do homem como ser racional, que se converte numa máquina mortífera, simples peça no tabuleiro da guerra, arma que se dispara uma vez que esteja preparada pelo ódio patriótico e a qual se concede o menor valor porque a abundância facilita a substituição, mais do que o canhão e a metralhadora.

Curta ou longa, defensiva ou ofensiva, a guerra determina sempre, tanto entre os vencedores como entre os vencidos — se a revolução não faz impedimento — o império da reacção, o desenfreado da barbaridade, o regresso a um estado muito inferior ao que precedeu a guerra.

A reacção é, pois, conatural da guerra. E' ela a atmosfera criada durante a guerra e a sua sequência lógica. A casta militar mantém-se dominadora da situação, os governos continuam exercendo o mesmo poder absoluto que exerceram durante a guerra. O ambiente de guerra, afinal, permanece na paz.

A reacção religiosa também não se faz esperar. A cruz ou o crescente têm atitudes

## Os voluptuosos divertimentos dos endinheirados aos tristes entretenimentos dos miseráveis

Em voluptuoso rodopio os pares descrevem bizarras trajetórias, acompanhando, num ritmo sensual, as notas musicais do «jazz-band» do Casino. Na volúpia desse movimento os dançarinos abstraem-se do que no ventre do Salão ocorria, dando a perceber aos circunstantes que o seu estonteamento provinha de uma oculta força-motriz. E quanto mais o «jazz-band» lançava sobre o ambiente os seus agudos, maior era o «perturbado» bailarino, mais intenso era o nervosismo de todo aquele bulício.

Em torno das mesas, servidas por criados rigorosamente vestidos de calça de lista e

a sua voz angustiosa, que é a voz da miséria dourada que em sua volta se reflete.

\*\*\*

No fundo lóbrego do «bar» alfacinha passam silhuetas de tragédia, num movimento espasmódico e terrífico. A custo se distinguem as formas humanas desses vultos que ocultam a sua miséria em entretenimentos grosseiros e desumanos. Dessas galerias misteriosas irradiam uivos satânicos dos folgozões que ali se reúnem para passar o seu ócio. Dir-se-ia que aquela bocharra, de irregulares linhas geométricas que se depara no coração da velha Alfama,



...e quanto mais o «Jazz-band»...

sobrecasaca, agrupavam-se as clientes, gente da «elite», que para ali se dirigiam na ânsia de se deleitarem com bebidas deliciosas e mulheres fascinantes. E ao primeiro sinal do cliente o criado avançava cabisbaixo, modos delicados e subservientes, levando numa salva de prata recipientes contendo bebidas caras, deglutidas ao som violento da música jazzbandista.

E os pares continuavam a passar céleres, os lábios quase colados, distinguindo-se de espaços um leve cício que é todo um convite concupiscente, que é todo um ensaio para a consecução de um objectivo lúbrico. Os frequentadores do bar aristocrático mergulhados em iguais pensamentos, aguardam com ânsio, felino a «feliz» oportunidade para se envolverem no turbilhão, nesse libidinoso estonteamento...

Mais além, sempre envolvidos no mesmo

vive apenas na fantasia humana, vive apenas para a literatura romântica.

Mas, não. Aquele cácio repugnante, de aspecto sórdido e configuração estranha, é o salão de recreio da turbamulta, o cenáculo dos párias, o clube dos indesejáveis!

Ali se reúnem todas as noites os proselitistas da vida em convívio turbulento, em orgias tristes, aqueles a quem é vedado o acesso nos salões da elite onde se dança ao som do «jazz-band» e onde se toma coctail...

Aqui não se dança o «fox-trot», nem se bebe «champagne», nem há flamas extinguidas com alcoóides. O ambiente é muito outro. Mais triste, mais desgraçado!

Os frequentadores deleitam-se cantando baladas tristes ao som dolente de uma guitarra. E quando uma voz roufenha se ergue naquela misteriosa galeria exige-se um si-



...ali se reúnem todas as noites...

ambiente de voluptuosidade, algumas damas com certa descrição, extraem das suas graciosas malinhas um pequenino frasco que colam à mucosa nasal, num gesto delicado e elegante... Nos seus olhares há um quê de extravagante; nas suas expressões há sulcos largos de sofrimento. Diz-se que são cocainomanas, assevera-se que são das muitas desgraçadas vencidas pelo vício, dilaceradas pelos eufóricos!

Pobre delas!  
O baile continua com o mesmo contentamento, e os pares confundem-se na mesma volúpia. Entretanto a debandada começa a fazer-se. Saem as primeiras damas acompanhadas de cavalheiros descrevendo piruetas que se dirigem para primeiro taxi, minutos depois submergidos no mais denso mistério...

E o «jazz-band» ainda não cessou. O violino não terminou o seu pranto, não calou descom a espada. Após cada guerra, sempre tem notado que a religião se reanima, ganha campo, domina. Como manifestação de barbaridade que realmente é, prospera e desenvolve-se em poderio nas épocas de regressão.

A história prova cabalmente que o centro da reacção, em todos os sentidos: político, económico, moral e intelectual, sempre se formou nos países que tinham suprimido a guerra.

Após a guerra, torna-se impossível o regresso à normalidade anterior. A reacção a revolução — eis o dilema.

lêncio completo como nos grandes actos religiosos. Então num ritmo desagradável das cordas da lira despenham-se plangentes notas cobrindo o ambiente de uma tristeza sem fim!

Extintos os últimos ruídos da salva de palmas que rebôa sacramentalmente no fim de cada canção os circunstantes escorriam as últimas gotas de vinho dos copos e entretem-se dirigindo motejos aos alijos frequentadores deste original «bar».

Primeiro é aquele coxo que se diz possuir um pé de meia razoável, mas que vive a mais abjecta vida. Depois é aquele macrocefalo provocador e atrevido que se diz ter às costas três mortes. E a guitarra via sempre gemendo notas de dor como que traduzindo a tragédia dos seus ouvidos.

Alfredo MARQUES

A seguir:  
O enterro dos ricos e o enterro dos pobres

Os povos dos países que participaram da grande contenda não quiseram ou não puderam fazer a revolução, por isso, tiveram, e têm ainda, a reacção. E têm também a reacção, porque a atmosfera da guerra se espalhou por sobre todo o mundo, aqueles países que não intervieram.

A própria Rússia, que fez a sua revolução, sofre igualmente o flagelo de uma reacção não menor que a dos outros países, mas sofre-a por ter sido afogada a revolução, para servir os princípios autoritários e imperiosos que estão em auge nos países burgueses.

### O SINDICALISMO REVOLUCIONARIO

## NEUTRALIDADE OU UNIDADE?

Dada a circunstância de a tendência do sindicalismo operário ser, a meu ver, libertária, não compreendo como aqueles, que dizem «vê-la assim também, proclamem a necessidade de independência da Organização Operária perante todas as correntes políticas, religiosas ou filosóficas»: pois que, se o sindicalismo dos trabalhadores é ingênita e essencialmente libertário, há de fatalmente estar ligado à ideologia anarquista.

Contraria-se, por consequência, a natureza íntima do sindicalismo revolucionário, a sua índole libertária, ao proclamar a necessidade de tal independência; e é desconhecido a fenomenologia social, a fatalidade da evolução sociológica, quando, à frente da organização sindicalista — agregado de entidades de todos os credos políticos e religiosos; mas, também e cumulativamente, com aspiração às máximas liberdades, económicas, de reunião, de pensamento e consciência — se colocam direcções que se não definam ideologicamente libertárias, anarquistas.

Desde que tal suceda, o sindicalismo revolucionário falseou, em meu critério, a sua missão histórica e ética: porquanto uma tal aberração só consegue iludir ou adulterar essa ânsia de liberdade que anima todos os trabalhadores.

E' isso que pretendem os apologistas da neutralidade e os ideólogos autoritários que militam no seio da organização operária? Quanto aos primeiros, difícil lhes seria darem uma resposta lógica e coerente com a sua irreflexiva pretensão...

Dos segundos, sabe-se bem qual seria a sua resposta...

Alguem, que em sindicalismo pode falar de cátedra e que à causa dos trabalhadores tem dado o melhor dos seus legítimos interesses pessoais com uma isenção e um altruísmo que poucos conhecem e ainda menos reconhecem, escreveu estas palavras de incontestável verdade se atendermos ao sentido pejorativo que o autor, em toda a sua obra, atribui à palavra político:

«...no dia em que o operariado, que tem estado à frente das ideias reivindicadoras, se constituiu em partido político, fôsse de que natureza fosse, lavaria a sua sentença de morte».

O sindicato, pois, é por índole, por contextura, por aspiração, essencialmente libertário e, já o constatámos, não pode ser de outra forma.

Essa essência não se dilui na federação; antes se avigora, seja a federação, de sindicatos profissionais, seja regional. O mesmo fenómeno se reforça na Central da organização: porquanto, aqui, essa essência vem multiplicada tantas vezes quantas forem as federações e as uniões que a compõem.

Como, pois, a direcção dessa Central há de ser neutra, se a tendência libertária corresponde a uma necessidade sociológica da organização sindicalista operária? Como? se é essa tendência ingênita que há de sempre nortear a acção do sindicalismo operário?

Ora o facto incontestável da essência libertária deste sindicalismo de um país repete-se nos outros países, cujas centrais sindicais, pela sua característica libertária, natural é — e por lei sociológica — que se congreguem em uma central internacional; organismo este que, à semelhança da célula «sindicato», se orienta no sentido nitidamente libertário por imprescindível necessidade da evolução social e condição da sua urdida.

Como, pois, haver fundamento razoável e justo para estranhar que a C. G. T. portuguesa tenha aderido à A. I. T. — internacional que, das três existentes, é a única que se norteia por princípios indiscutivelmente libertários; aquela que, dentro da sociedade actual, luta pelo melhoramento económico, social e intelectual da massa trabalhadora; a que tem, por objectivo, educar os trabalhadores para a gestão futura da produção e distribuição e para a posse de todas as manifestações da vida social, por meio dum organização de baixo para cima, numa acção comum de todos os operários do braço e do cérebro, no campo federalista da união livre de todas as forças; a actual internacional de nossos dias que é anti-colaboracionista, anti-parlamentarista, anti-reformista, a internacional que se declara anti-nacionalista por ver no «nacionalismo» uma nova religião «atrofiadora da liberdade para defesa do privilégio social; que proclama o anti-militarismo; que é contra toda a violência organizada em poder de qualquer governo; que sustenta e defende a propaganda anti-partidarista e se opõe a todo o centralismo absorvente da iniciativa individual e a todo o monopólio económico e social.

Esse facto de a C. G. T. aderir à Associação Internacional dos Trabalhadores é a consequência, não, essencialmente, da votação deste ou daquele congresso confederal (essa é a razão aparente do facto) mas, principalmente, da fenomenologia social — tão irrevogável como a lei da conservação da espécie!

Assim, pois, a neutralidade é impossível; e a unidade sindical, um sonho dos bem intencionados ou um truque dos que têm interesse em desviar a organização da sua directriz, da sua missão libertadora.

(Conclusão)

José Carlos de SOUSA

## A morte do «Ipana»

Morreu o «Ipana», aquele gracioso elegante que fazia as delícias da petizada. Era um entendido — o «Ipana» — principalmente em questões de dinheiro. Distinguiu-se melhor do que o sr. Inocência Camacho as notas falsas das verdadeiras. A doença de que morreu — infecção gastro-intestinal — não é vulgar na sua espécie. E tudo leva a crer que a sua morte é devida a uma manobra do Banco de Portugal, porquanto o «Ipana», se visse mais uns anos, viria fatalmente a descobrir que as notas do Angola Metrópole eram, afinal, do nosso acreditado Banco emissor. Descausa em paz, o pobre elegante, mais simpático e mais correcto do que muitos homens.

### O QUE SE TRAMA NA SOMBRA

## O «Espadim Português» é uma organização de fins tenebrosos e de mecânica complicada

«A Batalha» revela aos seus leitores as bases em que assenta essa organização de reaccionários

Os jornais fizeram referências a uma organização secreta intitulada o *Espadim Português*. O órgão monárquico, com um sorriso amarelo, julgando que as cousas secretas são em Portugal realmente secretas, apressou-se ontem a fazer um desmentido sorridente. Lemos e sorrimos também. O *Correio da Manhã*, muito seguro do século

para os incautos. Aqueles que nessas armadilhas tombarem ficarão amarrados à ameaça terrorista, ao cano da pistola que lhes está apontada ao crânio e que a uma ordem misteriosa pode fazer disparar do fundo da sombra e estoirar-lhe os miolos.

Não vem agora a propósito dizer-se como obtivemos a documentação que nos colo-

## O ESPADIM PORTUGUEZ

Milícia de Acção Patriótica e Nacional

### A SUA ORGANIZAÇÃO

V Regimentos, n'um total de 625 homens, formam uma Legião

Dae á Legião o nome da Província onde é organizada com excepção feita de Lisboa e Porto, que tomam o nome de Legião ou Legiões da Capital ou da Cidade Invicta

Inscrever neste quadro, que ficará secreto, os nomes e moradas dos V Chefes dos Regimentos, que formam uma Legião

#### Os Nomes e Moradas dos V Chefes dos Regimentos

1.	
2.	
3.	
4.	
5.	

Não ha triumpho sem Luta, e não ha Luta sem dedicações eficazes e inteligentes

#### Observações

Inscrever aqui o nome do Chefe escolhido da LEGIÃO, que é formado de V Regimentos

Nome	
Morada	
Os Nomes dos subalternos escolhidos pelo Chefe, e suas moradas	
1.	
Morada	
2.	
Morada	

Legião d Divisão

A CARMELITA—C. do Sacramento, 29—LISBOA

que os seus correligionários sabem guardar, ao escrever esse sorridente desmentido imaginava que mais ninguém sabia dos maneios reaccionários que se faziam na sombra.

Não é nosso intuito, ao escrever estas linhas, denunciar ao governo a existência de uma organização secreta retinamente reaccionária e perigosa para a República. Não somos da polícia, nem somos republicanos. E', portanto, ao governo republicano e à sua polícia que compete, e não a nós, acautelar os interesses do regime.

A nossa intenção, ao delinear estas linhas, é muito outra. E' revelar ao povo, de que somos órgão, a existência de uma conjura onde se projecta esmagar as suas poucas liberdades.

O *Espadim Português* não é como o *Correio da Manhã* pretende, ao responder ao *Mundo*, uma «blague» inventada pelos republicanos despetitados por não estarem neste momento à mesa do orçamento. Não, trata-se de uma verdade que vamos revelar nos seus principais pormenores.

### O povo tem de se acautelar

Nomes, não os apontamos porque — como acima dissemos — não somos denunciantes. Mas revelamos a maneira como os conjurados estão procedendo à sua organização. Atente o leitor no prospecto que reproduzimos a acompanhar este artigo e por ele verá a forma capbiosa como se pretende arremetear gente. Acoberta-se a sociedade secreta com o pomposo nome de *Milícia de Acção Patriótica e Nacional*. Mas quais os seus fins? Que meios de acção pretendem empregar? Nem uma palavra!

Está tudo engendrado para enganar os papalvos que, vagamente embalados na «acção patriótica» a empregar e num compromisso tomado perante pessoas que não conhecem, que podem estar à seu lado a vigiar-lhes os passos e a escutar-lhes as palavras, serão depois — sob a ameaça que vem do vazio, do mistério, da sombra — a praticar todos os crimes que os chefes desconhecidos ordenem.

### Os responsáveis acobertam-se com sombra

Estas propostas, com a sedução das palavras indecises de «acção patriótica e nacional», são armadilhas para os ingênuos,

com na pista dessa organização reaccionária que quer imitar em Portugal os vândalos fascistas em Itália. Mais tarde, quando o julgarmos oportuno, diremos da forma curiosa como descobrimos o que sabemos.

Limitamo-nos, por hoje, a denunciar o caso publicamente. Depois, iremos elucidando o leitor, reproduzindo outros prospectos ignóbeis que o identificarão, com mais eloquência, com os processos híbridos usados por esses cavalheiros que pretendem organizar uma milícia perigosa para a segurança de todos os que nela não militam e até mesmo para aqueles que ingenuamente nela se filiam.

Pela maneira como desejam formar as suas legiões — se o conseguirem — breve constataríamos a existência dum força armada mais forte do que o próprio exército porque tinha a seu favor uma grande força: — a protecção da sombra.

## Ataca -- imprensa clandestina Defende -- nota oficiosa

«A Batalha» não ataca e não defende

A imprensa clandestina continua na ordem do dia, continua sendo apaixonadamente discutida pelas entidades oficiais que a fulminam em notas consecutivas. Saiu nessa imprensa a acusação de que o Serviço de Ligações do Ministério da Guerra exercia um aturado serviço de espionagem e que tinha oficiais desempenhando essas funções em diferentes ministérios.

O chefe do Serviço de Ligações desmentiu.

### A sociedade burguesa

Kalandro e Matexas, ou a política grega

ATENAS, 17.—O presidente do Conselho, sr. Condylis, declarou, numa entrevista, ser sua intenção organizar um gabinete de coligação no qual entrem os srs. Kalandro e Matexas. No caso de não lhe ser possível realizar-se-hão novas eleições, a-fim-de-se fugir a uma possível ditadura. —(L.)

Esteve para ser, mas já não é

PARIS, 17.—No respectivo tribunal iniciou-se o debate sobre o processo intentado pela senhora Lambrino contra o príncipe Carol, que a teve como sua primeira mulher. A senhora Lambrino procura obter uma pensão para custear as despesas de educação do filho nascido do casamento morganático do príncipe romeno. —(L.)







MARCO POSTAL

Machado - Associação dos Rurais. - Recebemos vale de 57000. Assinatura paga até 31 de Março do p. ano. Cast. Bridgemaier (U. S. A.) - Antônio S. Couto. - Recebemos carta. Entendido. Fall River (U. S. A.) - Antônio Costa. - Recebemos carta e cheque. A vossa assinatura ficou paga até 30 de Abril p. f.

CAMBÍOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		94\$75
Madrid cheque		25\$98
Paris, cheque		568
Suiza, cheque		3378
Bruxelas cheque		2574
New-York, cheque		19\$60
Amsterdã, cheque		7\$84
Itália, cheque		\$84
Brasil, cheque		25\$55
Praga, cheque		\$58,5
Suécia, cheque		\$524
Austria, cheque		2\$77
Berlim, cheque		4\$67

TEATROS

Nacional. - A's 21, 15. - O Parolítico. Politeama. - A's 21. - O Centenario. Avenida. - A's 21. - O Pão de Lã. Apolo. - A's 20, 30 e 22, 30. - A Princesa Manequim. Eden. - A's 20, 45 e 22, 45. - Cabaz de Morangos. Variedades. - A's 20, 30 e 22, 45. - Saricote. Maria Vitória. - A's 20, 30 e 22, 30. - Pistidura. Coliseu. - A's 21. - Companhia de circo. Salão Foz. - A's 15 e 20, 30. - Variedades. Avenida Parque. - Diversões. CINEMAS Tivoli. - Avenida da Liberdade. - Olimpia. - Matinês e soirées. - Salão Central. - Praça dos Restauradores. - Chiado Terras. - Rua António Maria Cardoso. - Cinema Condes. - Avenida da Liberdade. - Pathe Cinema. - Rua Francisco Sanches. - Salão Ideal. - Rua do Loreto. - Eden Cinema. - Rua do Alívio (Alcântara). - Cine Paris. - Rua Ferreira Borges. - Alhambra. - Parque Mayer. (Variedades). - Salão Lisboa. (Mouraria). - Cine Esperança. (Rua da Esperança). - Domingos, terças, quintas e sábados, às 20, 30, animatógrafo. - Salão da Promotora. - A's 20 horas.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98 TELEFONE N. 5353 Medicina, coração e pulmões - Dr. Armando Narciso - A's 5 horas. Cirurgia, operações - Dr. Bernardo Vilar - 1 hora. Rins, vias urinárias - Dr. Miguel Magalhães - 10 horas. Pele e sífilis - Dr. Correia Figueiredo - 11 e 13 horas. Doenças nervosas, electroterapia - Dr. R. Loff - 2 horas. Doenças dos olhos - Dr. Mário de Matos - 2 horas. Ginecologia, útero e ovários - Dr. Mário Oliveira - 12 horas. Estômago e intestinos - Dr. Mendes Belo - 3 horas. Doenças das mulheres - Dr. Emilio Paiva - 2 horas. Doenças das crianças - Dr. Filipe Mano - 12 horas. Tratamento de diabetes - Dr. Ernesto Roma - 3 horas. Boca e dentes - Dr. Armando Lima - 10 horas. Câncer e rádio - Dr. Cabral de Melo - 1 hora. Raio X - Dr. Aleu Saldanha - 1 hora. Análises - Dr. Gabriela Beato - 1 hora.

Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 1.º Telefone N. 4663 Acabam de chegar muitos padrões de boas fazendas de lã para sendo fabricadas em publicas, que vendemos por baixos preços. Estambres e casimiras desde Esc. 11.400 o metro, grande sortimento das principais fabricas de lã, e um escolhido sortido de lãzadas estrangeiras que vendemos por preços sem comparação. Há feitos e fazem-se por medida, sobretudo para homens e crianças desde Esc. 13.900. Casacos de senhora desde Esc. 12.800. Tem alfaiataria para a sua enorme clientela. Executam-se fatos em 24 horas Manda amostras para a provincia e em Lisboa ao domicilio O calçado mais sólido e mais barato de Lisboa vende-se no depósito da Sapataria Brasil, Rua da Madalena, 206 e 212, a quem apresente este anúncio, desconto 5 %.

"A BATALHA" no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00. Encadernação (por capas e índice) 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00. Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha. A Revolução Social e o Sindicalismo Por Arknofo. Preço 1\$50.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada El drama de un amor vulgar, de J. Rodriguez Aragón. - Preço, \$50. - Pedidos à administração de A Batalha.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-mallusianas... \$50 O sentido em que somos anarquistas... \$30 A peste religiosa... \$40 A Liberdade... \$50 A Internacional (música e letra)... \$30 Pedidos à A BATALHA ou no Caixa Sodré, 82

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos. Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55 Tabacaria e Kiosque

História Universal del Proletariado

"Veinte siglos de opresion capitalista"

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é um relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas, pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 18pgs pelo correio, registado, 18\$00.

Estão publicados os seguintes fascículos:

- 1.º - La era de la esclavitud;
- 2.º - La rebelión de Espartaco;
- 3.º - Abolición de la esclavitud;
- 4.º - Abyección y servidumbre;
- 5.º - La revolución de los siervos;
- 6.º - La miseria de los agricultores;
- 7.º - Transformación del Poder Feudal;
- 8.º - El comunismo cristiano;
- 9.º - Los miserables en la Edad Media;
- 10.º - La libertad ilusoria;
- 11.º - La utopia del absolutismo;
- 12.º - El trabajo motor universal;
- 13.º - El imperio de la guilhotina;
- 14.º - Las ideas sociales y la revolución francesa;
- 15.º - Los primeros tiempos del salario;
- 16.º - Hospitales, cárceles y asilos;
- 17.º - Las crueldades de la burguesia republicana;
- 18.º - Los héroes de la Comuna;
- 19.º - Horribles matanzas de Comunistas;
- 20.º - La República Española y la clase obrera;
- 21.º - La Primera Internacional;
- 22.º - El socialismo ante el Parlamento español;
- 23.º - El futuro obrerista profetizado por Castelar;
- 24.º - Pí y Margall confunde a los enemigos del socialismo;
- 25.º - Los precursores del Proletariado moderno;
- 26.º - Crueldades burguesas;
- 27.º - Los mártires de Chicago;
- 28.º - Muerte heroica de cinco proletarios.

NÃO COMPREM LIMAS OU GROSAS sem consultar a Empresa de Limas União Tomé Feteira, Lda Sede em VIEIRA DE LEIRIA Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras EXPERIMENTAR É ADOPTAR - Visitem a nossa agência em Lisboa Travessa do Fala S6, 9-B TELEF. N. 3415

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSÍVEL AOS RICOS A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528, Escritório e Garagem Rua Almirante Barroso 21

Lotaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Premios maiores: 4.000.000\$00 1.200.000\$00

Bilhetes a 1.000\$00 e quadragésimos a 25\$00, cauteias a 6\$00. Pelo correio mais \$80.

Pedidos a

Campião & C.

116, RUA DO AMPARO, 116 LISBOA

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10 %

NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora... 30\$00 Sapatos em verniz... 30\$00 Botas pretas (grande salto)... 40\$00 Botas brancas (salto)... 40\$00 Grande salto de botas pretas... 40\$00 Etc. etc. para homem... 40\$00

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a Social Operária e a Social Operária, 18-24, com Filial na mesma rua, n.º 45.

Caminhos de Ferro do Estado

Directão do Sul e Sueste

Concurso para a adjudicação da exploração da venda de flores e frutas na estação de Lisboa F. P.

Faz-se publico que no dia 30 do corrente mês de Novembro, pelas 13 horas, na sede do Serviço do Movimento, Tráfego e Reclamações em Barreiro, perante o respectivo Engenheiro-Chefe do Serviço, terá lugar o concurso para a adjudicação da exploração da venda de flores e frutas na estação de Lisboa Terreiro do Paço.

Para ser admitido a este concurso tem o concorrente de mostrar que efectuou na Tesouraria destes Caminhos de Ferro, o depósito provisório de 150\$00 (cento e cinquenta escudos), depósito que será feito até às 16 horas do dia 29 de Novembro corrente.

A base de licitação é de 3.000\$00 (três mil escudos).

Os cadernos de encargos e condições estão patentes na Secretaria da Direcção em Lisboa, (rua de S. Mamede ao Caldas) n.º 63 e no Serviço de Movimento, Tráfego e Reclamações (Seccção de Tráfego), Palácio Coimbra em Barreiro, onde poderão ser examinados todos os dias úteis das 11 às 16 horas. - Lisboa, 1 de Novembro de 1926. O Engenheiro-Director, (a) Indício Pimentel.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO	Jorge Teixeira - Gatunos de Luvá
Abel Botelho - Amanhã.....	16\$00
Alexandre Hercolano.....	18\$00
Lendas e Narrativas (2 volumes).....	18\$00
Cartas (2 volumes).....	18\$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal (3 vols.).....	27\$00
Adolfo Lima.....	10\$00
Contrato do Trabalho.....	10\$00
Educação e ensino.....	5\$00
O ensino da história.....	1\$50
Aquillino Ribeiro.....	3\$00
Anatole France.....	10\$00
Estrada de São Tiago.....	10\$00
Jardim das Tormentas.....	10\$00
Via Sinuosa.....	10\$00
As Filhas da Babilónia.....	10\$00
Terras do Demo.....	10\$00
Augusto Machado - Impossível redenção (novela).....	2\$50
Augusto de Sousa - Fôlhas perdidas (Fados).....	10\$00
Bento Faria - Missa nova (teatro em verso).....	2\$00
Binet-Sanglé - A loucura de Jesus.....	4\$00
Buckner - O homem segundo a ciência.....	12\$00
Força e Matéria.....	12\$00
Charles Darwin - Origem das espécies.....	14\$00
Campos Lima.....	12\$00
O Estado e a evolução do Direito.....	5\$00
O Amor e a Vida.....	2\$00
Ceia dos Pobres.....	2\$00
A Revolução em Portugal.....	6\$00
Cristiano Lima - A escola de Nun'Alvares (novela).....	2\$50
Duarte Lopes - Frei Sangué.....	5\$00
Ega de Queiroz.....	18\$00
O crime do Padre Amaro.....	18\$00
O primo Basílio.....	15\$00
O Mandarim.....	8\$00
Os Maias (2 vols.).....	28\$00
A Reliquia.....	15\$00
A Cidade e as Serras.....	12\$00
Frade Mendes.....	9\$00
Casas Ramires.....	15\$00
Frosas Bárbaras.....	10\$00
Ecoss de Paris.....	9\$00
Cartas Familiares.....	9\$00
Minas de Inglaterra.....	8\$00
Notas Contemporâneas.....	15\$00
Ultimas páginas.....	15\$00
Contos.....	15\$00
Ernesto Haackel.....	20\$00
História da Criação.....	5\$00
Origem do Homem.....	14\$00
Os enigmas do Universo.....	4\$00
Monismo.....	4\$00
Religião e evolução.....	6\$00
As maravilhas da vida.....	14\$00
Faguet - Iniciação filosófica.....	5\$00
Iniciação literária.....	10\$00
Faria de Vasconcelos.....	5\$00
Problemas escolares.....	5\$00
Por terras de além mar.....	5\$00
Ferreira do Castro.....	2\$50
Sangue Negro.....	8\$00
Sendas de Lirismo e de Amor.....	6\$00
A Peregrina do Mundo Novo.....	6\$00
E. Castro e E. Fria - A Boca da Esquina.....	8\$00
Flamarion.....	5\$00
Iniciação astronómica.....	5\$00
Contos de luar.....	5\$00
Como acabará o mundo?.....	7\$00
Os habitantes dos outros mundos.....	4\$00
Felix Le Danlec - As influências astrais.....	10\$00
Ateismo.....	6\$00
Fialho de Almeida.....	10\$00
Lisboa Galante.....	9\$00
Estâncias de Arte e Saúde.....	9\$00
Figuras de destaque.....	9\$00
Actores e Autores.....	9\$00
Contos.....	9\$00
A Esquina.....	9\$00
Aves Migradoras.....	9\$00
Barbear, Pentear.....	9\$00
Cidade do Vício.....	9\$00
Pasquinadas.....	10\$00
Fais das Uvas.....	9\$00
Sabam quantos.....	9\$00
Vida errante.....	9\$00
Vida íntima.....	9\$00
Guerra Junqueira - A morte de D. João.....	10\$00
Musa em férias.....	9\$00
Os Simples.....	7\$00
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo).....	14\$00
Brochado.....	10\$00
Gorki - Os Degenerados.....	4\$00
Os Vagabundos.....	4\$00
Na Prisão.....	2\$50
Ibsen - Espectros.....	4\$00
Casa de bonecas.....	5\$00
Jacquinet - História Universal, 2 v.....	10\$00
Jaime Cortezado - Adão e Eva (teatro).....	5\$00
José Beney - A ciência redentora (novela).....	2\$50
Jesus Peloto - O mestre geral (novela).....	2\$50
Julio Quintinha.....	2\$50
Vishinhos do Mar.....	8\$00
Cavalgada do Sonho.....	8\$00
Terras de Fogo.....	8\$00
Dor vitoriosa (novela).....	2\$50
Malverant - Iniciação matemática.....	5\$00
Malverant - Ciência e Religião.....	10\$00
Mário Domingues - Hugo, o pintor (novela).....	2\$50
Anastácio José (idem).....	2\$50
Manuel Ribeiro.....	2\$50
Poder redentor (novela).....	2\$50
Mirbeau - O Jardim dos Suplicios.....	4\$00
Nogueira de Brito.....	15\$00
I - Memórias de Angela Pinto.....	2\$50
Sangue Fidalgo (novela).....	2\$50
Não, diz a Lei (novela).....	2\$50
Pargama - Origem da vida.....	8\$00
Oliveira Martins.....	15\$00
Helenismo e a Civilização Cristã.....	15\$00
História da Civilização ibérica.....	30\$00
História da República Romana (2 volumes).....	30\$00
História de Portugal (2 vols).....	30\$00
Raças Humanas (2 vols).....	30\$00
O Brasil e as Colónias Portuguesas.....	15\$00
Cartas Peninsulares.....	15\$00
Sistema dos mitos e ficções religiosas.....	15\$00
Orlando Marçal.....	15\$00
Águas claras.....	6\$00
Imagens de Sonho.....	1\$00
Raul Brandão.....	10\$00
Os Pescadores.....	10\$00
Os Pobres.....	10\$00
O Teatro.....	8\$00
Spencer - Da Educação (br. 500) (novela).....	8\$00
Sobral de Campos - Dois titos (novela).....	2\$50
Tolstoi - A sonata de Kreutzer.....	4\$00
Ana Karenine (3 vols).....	15\$00
Toulouse - Como se deve educar o espírito.....	4\$00
Wenceslau de Moraes.....	12\$50
Dai-Nippon.....	10\$00
Victor Hugo.....	10\$00
França e Belgica.....	15\$00
O Reno (2 v.).....	40\$00
Os Miseráveis (2 grossos vols) (ilustrados, encadernados).....	40\$00
Zela.....	12\$00
A Taberna.....	5\$00
Teresa Raquin.....	8\$00
Alegria de viver (2 vols).....	8\$00
A conquista de Plassans, (2 vols).....	20\$00
Fecondidade.....	8\$00
A fortuna dos Rougons, (2 vols).....	8\$00
Uma página de amor.....	8\$00
Dr. Pascal.....	8\$00
FOLHETOS.....	
Eliseu Reclus - Anarquia e a igreja.....	1\$00
A Evolução legal e a anarquia.....	3\$00
Gonçalves Correia - A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.....	5\$00
José Prat - A burguesia e o proletariado.....	5\$00
A necessidade da Associação.....	5\$00
Content - Contra o confunismo.....	5\$00
Alfredo Neves Dias - Reação (poema social).....	5\$00
Ernesto da Silva - Teatro livre e Arte Social.....	3\$00
Landauer - Social Democracia.....	3\$00
R. Maia - O princípio do fim.....	3\$00
A maçonaria e o proletariado.....	3\$00
J. Most - Peste religiosa.....	5\$00
João P. do Rio.....	5\$00
Definições sociais.....	5\$00
Horas anarquistas (versos).....	5\$00
Trovas da Noite.....	1\$00
Roberto, o pescador.....	1\$00
Memórias do Parque de São João do Forte.....	7\$50
Carnet de Pensamento.....	2\$00
Bakunine - O sentido em que somos anarquistas.....	5\$00
Chueca - Como não ser anarquista.....	5\$00
Lazare - A Liberdade.....	5\$00
B. Etrivant - A minha defesa.....	5\$00
Kropotkin.....	5\$00
Os bastiões da guerra.....	3\$00
Mortal anarquista.....	5\$00
O espírito revolucionário.....	5\$00
O estado e o seu papel histórico.....	1\$50
I. Guedes - Lei dos Salários.....	3\$00
Brand - A greve geral.....	3\$00
Roland - Rússia Nova.....	3\$00
O sindicalismo e os intelectuais.....	3\$00
D. Carvalho - A gestão sindical no período revolucionário.....	5\$00
A. Hamon - A crise do socialismo.....	5\$00
J. Santos - A transformação da sociedade.....	5\$00
Neno Vasco.....	3\$00
Georgicas.....	1\$00
Greve de inquilinos, teatro.....	1\$00
Proletariado Histórico.....	1\$00
G. Archinof - A Revolução social e o Sindicalismo.....	5\$00
Charles Rates - Aditadura do proletariado.....	1\$00
Emilio Chapelier - Porque não creio em Deus.....	1\$00
Rodolfo Rocker - O sindicalismo revolucionário e a organização operária.....	1\$00

OS MISTERIOS DO POVO

saúde do antigo regime, mas não conspire contra o novo; não emigrei; tenho sempre considerado como um crime o apelo para as tropas estrangeiras. Creio ter já demonstrado a minha inocência, cidadãos, e espero que me porão em liberdade, à qual me prendem os meus princípios e a minha natureza. Os jurados consultaram-se em voz baixa, e alguns instantes depois, Maillard levantou-se, tirou o chapéu, e disse em voz alta: «Acusado, está livre.» E depois, dirigindo-se a três patriotas armados de lanças e de sabres ensanguentados, acrescentou: «Volem pela segurança deste cidadão: acompanhem-no a casa.» Ah! exclamei eu, sentindo um misto de horror e enternecimento. Que abismo é o coração humano! que abismo... E' para enlouquecer, quem tentar sondá-lo! Foi assim que se passaram as coisas na Abadia, me disse ainda Vitória. Após o interrogatório e livre defesa vi ainda pôr em liberdade Bertrand de Molleville, irmão dum ministro; Maton de Verenne, magistrado; o abade Salomão Duveyrier, o conde de Afry, coronel dum regimento suíço, depois de ter provado que não estava em Paris por ocasião dos acontecimentos de 10 de Agosto. «Devo acabar com a narração dos factos que presenciiei. Já te disse, meu irmão, como se absolviam os inocentes; vou agora dizer-te como se executavam os criminosos. Citarei para exemplo Montmorin, duplo traidor, absolvido pelo alto tribunal de Orleans. Esta escandalosa absolvição foi também uma das causas dos acontecimentos de hoje. O povo, cansado, irritado por ver os criminosos enbrioados ao gladio da lei, fez justiça por suas mãos, castigando-os! Montmorin, conduzido à presença do tribunal, apresentou-se soberbo e arrogante, contraindo-lhe os lábios um sorriso de desprezo, Maillard perguntou-lhe: «E' o cidadão Montmorin? São bem notórios os crimes de que és acusado. Que tem a dizer em sua defesa?» Montmorin replicou: «Recuso responder às suas perguntas. Não lhe reconheço o direito de me julgar.» Ape-

lar-se de todos os esforços de Maillard para que ele falasse, o acusado recusou-se obstinadamente a responder. «Conduzam o acusado à Força!» disse então Maillard, e todos aprovaram com um sinal de cabeça a condenação do conde de Montmorin. Mas Maillard tinha mandado que o conduzissem à prisão da Força. Palavras de combinação para poupar aos condenados, até ao último momento, as angustias da morte. Conduzam o acusado à Força ou deixem o acusado, eram as fórmulas da condenação suprema. Abria-se uma porta que dava para o pátio, tornava a fechar-se, e os justiceiros faziam o resto... Singular contradição!... compaixão e ferocidade!... Montmorin, enganado pelo sentido das palavras de Maillard, disse com toda a arrogância: «Eu não vou a pé; mandem pôr uma carruagem.» Maillard respondeu-lhe que ela o esperava à porta. Empurraram Montmorin para o pátio, onde foi logo degolado. Bahman, coronel dum regimento suíço, absolvido pelo alto tribunal de Orleans, teve a mesma sorte, bem como Vigne de Cuzay, um dos oficiais que assistiram à matança do Campo de Marie; Protot e Valvins, fabricantes de assinados falsos; o abade Bady, monstro que tinha cortado seu próprio irmão em pedaços, e... mas já basta de exemplos destes... Vitória tinha ficado triste e silenciosa; eu estendi-lhe a mão com dó dela, e entrei no meu quarto para procurar no sono o esquecimento destes funestos dias... Tallien historia os acontecimentos anteriores aos dias de Setembro, e cita entre as causas da indignação pública as escandalosas absolvições do alto tribunal de Orleans, e a aproximação dos exércitos estrangeiros, em seguida à tomada de Verdun e de Longwy, e depois prossegue: «Na mesma ocasião, um criminoso, exposto na praça pública, teve a ousadia de bradar: — Viva o rei!

Viva a rainha! Viva La Fayette! Vivam os prussianos! O diabo leve a nação! Estes gritos excitaram a indignação popular; o miserável teria sido logo morto ali mesmo se o procurador da comuna o não tivesse coberto com o seu corpo e levado para a prisão, para o entregar aos tribunais. No seu interrogatório declarou ele: «que havia muitos dias que se espalhava dinheiro profusamente nas prisões, e que, ao primeiro sinal, seriam armados os bandidos que estão nefas encerrados, para servirem a causa dos contra-revolucionários.» «A'lem disso, ninguém ignorava que era nas prisões que se fabricavam os assinados falsos espalhados na circulação; e efectivamente, depois da expedição de 2 de Setembro, achou-se nas prisões o papel, as prensas e todos os utensílios necessários para fabricar assinados. Todos estes objectos estão entregues nos cartórios dos tribunais. Logo milhares de cidadãos se reuniram, prontos a marchar, sob a bandeira da liberdade; mas, antes de partirem, esta simples e natural reflexão lhes occorria ao espirito: — No momento em que vamos marchar contra o inimigo de fora, em que vamos derramar o nosso sangue em defesa da pátria, não queremos que nossos pais, nossas mulheres e nossos filhos fiquem expostos à mercê dos scelerados que estão nas prisões. Antes de irmos combater os inimigos no exterior, é preciso darmos cabo dos que estão cá dentro. Tal era a linguagem destes cidadãos, quando dois padres refractários, que eram conduzidos à Abadia, soltaram gritos sediciosos e proferiram injurias contra a revolução. O furor popular chegou ao auge, etc., etc. «Os suíços, os assassinos do povo no dia 10 de Agosto, encerrados, em número de perto de trezentos, foram postos em liberdade e encorparados nos batalhões nacionais.

«Tais foram as circunstâncias que precederam e provocaram os acontecimentos em Setembro, acontecimentos terríveis, sem dúvida, que, num momento de tranqüilidade pública, teriam reclamado a vingança das leis, mas sobre os quais, numa época de agitação popular, é preciso correr um véu, deixando ao historiador o cuidado de apreciar esta fase da revolução, que foi muito mais útil do que se imagina. Emfim, eu vou completar os documentos deste medonho processo com um trecho dum discurso de Robespierre: «Tem-se dito muita coisa a respeito dos acontecimentos de 2 de Setembro; é um assunto que eu estava ansioso por tratar. E hei de tratá-lo com toda a imparcialidade. «O conselho geral da comuna, longe de provocar os acontecimentos de Setembro, fez quanto pôde para os evitar. Para formar uma ideia exacta destes factos, é preciso procurar a verdade, não nos escritos e discursos caluniadores que os têm deturpado, mas na historia da revolução. Quem pensar que a agitação provocada nos espiritos pela insurreição de 10 de Agosto estava completamente extinta, engana-se completamente: não há analogia nenhuma entre as duas épocas. «...Os maiores conspiradores de 10 de Agosto foram subtraídos à cólera do povo vitorioso, que tinha consentido em entregá-los a um novo tribunal; mas o povo estava resolvido a exigir o castigo. Contudo, depois do julgamento de três ou de quatro criminosos subalternos, o tribunal descançou; Montmorin foi absolvido; o príncipe de Poix e tantos outros conspiradores foram fraudulentamente postos em liberdade. Muitos destes escândalos tinham transpirado, novas provas da conspiração da corte apareciam todos os dias; quase todos os patriotas feridos no castelo das Tulherias morriam nos braços dos seus irmãos parisienses; reinava a indignação em todos os corações. Uma nova causa levou ao cúmulo a excita-





## CARTA DO PORTO

### Os acidentes no trabalho, as companhias seguradoras e as indemnizações irrisórias

PORTO, 16.—Se as pensões aos sinistrados estivessem devidamente actualizadas e os profissionais da ciência médica não estivessem vendidos ao capitalismo e, portanto, não tivessem interesses ligados, pelo poder das acções e pela atracção gratificante aliada aos estímulos, as várias Companhias mutuals — era certo que os desastres seriam reduzidos a uma percentagem mínima.

Os clínicos tratariam melhor os sinistrados, olhando-os com mais carinho, com mais humanidade e com uma mais independente e séria ministração científica... O seu mister teria mais glórias de ciência e mais virtudes de humanismo do que manifestações usuárias de almocedades exploradoras, do que humanitariamente, como caridoso, entusiasta, conscienciosamente zelador da saúde preciosa do seu semelhante que é vítima do trabalho, devotando todo o seu interesse pelo bom restabelecimento do infeliz paciente.

Na generalidade, o médico assoldado das Companhias interveio mais mercantilmente; como delegado acatado, zelador, aventureiro, dos capitais daquelas empresas exploradoras, do que humanitariamente, como caridoso, entusiasta, conscienciosamente zelador da saúde preciosa do seu semelhante que é vítima do trabalho, devotando todo o seu interesse pelo bom restabelecimento do infeliz paciente.

Estando assim tudo sistematizado na harpia capitalista, o médico despreza os mais nobres sentimentos de altruísmo científico-clínico, para tratar o sinistrado à *diabólica*, sem aquele cuidado minucioso que seria para desear. O que se impõe, é a alta mediocridade, mesmo que a vítima ainda sofra, mesmo que ela não esteja totalmente curada. A Companhia e o patrão não podem perder pitada. E como o *sr. doutor* não tem interesses directos, ele, estribando-se na sua autoridade absoluta de cientista medical, abusando dela e dos seus conhecimentos, dá como bom o que ainda está seriamente avariado...

Há multíssimos casos desses e ainda há dias se deu um com nosso camarada: sendo preciso *poupar*, até à extorsão dos direitos da vítima, a Companhia Mutual, o médico acabou por constatar, scientificamente segundo as conveniências, que todos os sofrimentos que o sinistrado adquiriu a seguir ao acidente brutal não são consequências funestas do desastre!

Partiu a clavicula, quebrou o esterno, abalou-se profundamente no interior da caixa torácica, teve forte compressão pulmonar, etc. — mas nada do que agora sente internamente, incluindo a deslocação do coração, é a resultante dolorosa do desastre que sofreu num momento em que tinha as costas cento e tantos quilos de carga...

Isto quer dizer que a *sciência*, posta ao serviço do capital, prepara o devido terreno para que a Companhia seguradora respectiva não pague o devido ao sinistrado... E' ainda de harmonia com esta sôvina bérbaria desta nova indústria seguradora, que aos desgraçados não se lhes faculte os verdadeiros tratamentos, não se lhes prodigaliza proficientemente todos os cuidados e todos os utensílios, incluindo os ortopédicos, que os males rigorosamente requerem. Os mais simples curativos, até, são feitos algumas vezes atrevidamente por um pessoal enfermeiro pouco conhecedor da técnica — porque as Companhias não que-

rem gente competente, mas curiosos baratos...

Destarte, os sinistrados não só ficam mal curados, perpetuamente sofrendo, como ficam a usufruir uma irrisória pensão, já porque as tabelas remunerativas não estão actualizadas, já porque as Companhias e os seus clínicos, usando toda a sorte de sofismas, ainda as conseguem rebaixar mais.

Que diabo vem a ser isso de 2500, 3550, 4500 por dia para um indivíduo que ficou impossibilitado de trabalhar devido a um tristíssimo desastre? E' a mais negra miséria para ele e para os seus...

Receber-se há ao menos — pergunta agora alguém — integral e ininterruptamente essa ridícula?

Isso sim... O Tribunal dos Accidentes do Trabalho tem valor quando tem As sentenças são muito boas... mas muitas vezes para o papel. Para exemplo, flagrantemente, ali vai este flagrante exemplo: Alfredo de Oliveira Pinto, da rua Elias Garcia, 213, Vila Nova de Gaia, foi atingido por uma lingada de sacaria, a bordo do vapor *Palmela*, que o arremessou para fora da borda do vapor e o precipitou para dentro duma barca que se alongava ao lado da dita embarcação a fim de receber carga. Deste desastre resultou o sinistrado, que esteve no hospital desde 20 de Dezembro de 1922 — data do desastre — até fins de Abril de 1923, ficar com a perna e o braço esquerdos partidos. Nunca mais pôde trabalhar, em virtude da perna ficar torta e mais curta, não ter acção na mão direita e não poder fechar a mão esquerda.

O Tribunal dos Accidentes lavrou-lhe sentença favorável a ter de receber de pensão 50 % do seu ordenado, ao tempo de 7500. Até Maio de 1923, ainda a vítima recebeu, daí em diante nunca mais viu um centil — porque, segundo se diz, a Companhia de Seguros *«A Mindelo»* naufragou numa falência e ter, segundo consta também, os seus seguros passados para a Companhia de Seguros *«A Mundial»*.

Mas a pesar disso, e do sinistrado ter enviado todos os seus esforços para que lhe paguem o que é devido, há três anos e meio que lhe ferra o cápo...

Como estes casos, quantos não existirão por aí? E' mercê destas belezas, que ninguém se preocupa com os consecutivos e aterrorizantes desastres. Se os médicos compreendessem melhor a sua nobre missão humanitária, se as Companhias ou os patrões, em vez dum subsídio ridículo e irregularmente pago, fossem compelidos seriamente a ter de arrotar insofismavelmente com o ordenado por inteiro que o sinistrado auferisse à data do acidente — nós veríamos que as entidades seguradoras e patronais teriam maior cautela com os desastres, oferecendo garantias de maior segurança no trabalho, tornando mais modernas as suas condições de labor...

Mas como tudo isto gira à volta da sofística, da pouca seriedade das instituições exploradoras e dos seus homens — e também da indolência das próprias classes trabalhadoras interessadas — segue-se que é tudo isto que se vê: não há amor algum pela vida humana...

Para honra e brio da sociedade capitalista... C. V. S.

## Luta de classes

### A greve da Litografia Nacional do Porto

Uma tentativa de traição que abortiu

Acéda do movimento grevista do pessoal da Litografia Nacional, do Porto, recebemos do Sindicato dos Litógrafos de Lisboa o seguinte comunicado que passamos a reproduzir:

«Ao ser declarado o movimento na Litografia Nacional, do Porto, adoptou esta associação todas as medidas indispensáveis para que a classe soubesse desse movimento e conhecesse as suas origens e quem são os proprietários daquela casa conhecida já pelos «Sois».

Estes «Sois» são nem mais nem menos do que uns sanguessugas, pois pretendem à viva força, e à custa do suor de quem lá cai, fazer a concorrência especialmente em Lisboa, levando todo o trabalho para sua casa, que se pode bem intitular de Bastilha. Esta concorrência seria admissível se se limitassem a um lucro inferior pagando aos seus empregados como mais ou menos estão pagando os outros industriais. Mas tal não lhes convém. São tão ambiciosos que o sonho dourado deles é assambarcarem a litografia, derrotando os seus colegas de quem tão cinicamente se dizem amigos.

Succede, porém, que os desempregados foram prevenidos deste movimento, assim como a classe em geral não só desta cidade como do sul do país. Todos os desempregados se compenetraram, por espírito de solidariedade, a não traírem aqueles camaradas custasse o que custasse, atendendo a que a perda daquele movimento seria um golpe de morte na classe litográfica em geral.

Empenhou-se a Associação para o mais depressa possível arranjar colocação para os mesmos desempregados, e quando já mais ou menos tinha conseguido os seus fins, podendo-se empregar 3 impressores, é que nos chega a notícia dos nossos camaradas em luta que já lá se encontravam 2 impressores para traírem o movimento!

Quem eram?... Todos nós fazíamos a mesma pergunta sem que podessemos declarar o ímiga, tal a confiança depositada em todos os componentes da litografia.

De investigação em investigação viamos a saber quem eram esses camaradinhos. Eram Eduardo Dill Fernandes e Ernesto Fernandes, seu mano... em tudo. Este último já porque recebe subsídio, já porque na Associação assistisse às nossas impressões e medidas a tomar com o referido movimento, mostrava-se tão interessado pela vitória dos seus camaradas que não dava vestígios do seu ignóbil cinismo. O primeiro, deixando-se levar pela ignorância de que é dotado, entendeu que a melhor maneira de se «vingar» da direcção, por

esta lhe exprobar o seu procedimento em várias situações, era ir traír os camaradas do Norte.

Tem já este sindicato conhecimento das demarches havidas entre os camaradas em luta e os dois acima citados, provando-se que aquele movimento é tão bem encaminhado que os dois visitantes à cidade invicta desistiram dos intentos junto dos «Sois», quer dizer, desfizeram o que nunca deveriam ter feito.

Deveríamos alongar-nos em mais considerações, mas como se aguarda a sua chegada brevemente, ficarão para depois, se por ventura não tomarem o caminho de operários conscientes, limitando-nos a lançar o brado de alerta à classe litográfica do país para que, quando lhes apareça qualquer sabujo dizendo que o movimento acabou, ou lhe dêem o prémio que merece ou então o conduzam à Associação para lá fazerem ver que é redondamente falso quanto dizem os «Sois» e seus tristes satélites que tão descaradamente lançam mão dos processos mais ignóbeis para deturparem a verdade do movimento daqueles camaradas.

Convenim dizer à classe haver uma casa que necessita de 3 impressores havendo portanto vaga para dois, que seriam justamente preenchidos por aqueles que tão lealmente se prontificaram a ir para a Nacional prejudicar aqueles camaradas e traír o compromisso tomado junto da Comissão Administrativa.

Muito mais há a dizer mas com serenidade se aguarda o procedimento final daqueles dois colegas.

Alerta, pois, camaradas,

### A crise de trabalho no concelho de Cascais

Estando quasi tudo por fazer, continua no concelho de Cascais a terrível crise de trabalho e os trabalhadores, a braços com a fome e com a miséria. Mas quem são os verdadeiros culpados? Esclareceremos pontos de verdade, eis o nosso dever.

Não acredito que os senhores do capital, sejam os únicos culpados, embora reconheça que, devido à sua acção mercantilista e especulativa, se encontram muitas famílias na mais horrorosa das misérias.

E' certo, também, que a maioria dos trabalhadores, devido a factores que todos nós conhecemos, não é responsável do momento grave que passa. Há, no entanto, uma grande parte de camaradas que, a pesar de

conscios do valor e da vantagem do desenvolvimento da organização operária, nem um passo querem dar para que a mesma organização se desenvolva convenientemente. São estes camaradas sinceros, actualmente afastados do meio colectivo, que temos o dever de chamar à responsabilidade.

E' um absurdo o que se tem passado. Os sindicatos às moscas, enquanto as tabernas, as praças de touro e os campos de futebol estão sempre literalmente cheios. Que importa à maioria dos trabalhadores a situação dos nossos camaradas presos sociais

que estão morrendo lentamente nas prisões que lhes importa o grave problema da instrução e tantos outros de utilidade pública. E agora, que são aos milhares as vítimas do capital, nesta época terrível do inverno que se avizinha e em que muitos dos vossos filhos não têm pão nem agasalho, nós, que temos dedicado um pouco do nosso esforço à causa dos trabalhadores, somos a dizer-lhes o seguinte: Aí tendes o resultado funesto do vosso gesto indigno, do vosso desinteresse e do vosso indiferentismo. — António Vicente Moreira.

### A última fase da greve dos mineiros ingleses

Dificuldades enormes na solução do conflito

Londres, 13 de Novembro.—Sexta-feira próxima efectuar-se há uma nova reunião magna dos delegados mineiros, com o objectivo de examinar uma vez mais os resultados da votação das propostas feitas pelo governo.

As resoluções tomadas na reunião hoje efectuada parecem indicar que os delegados mineiros vão recomendar aos distritos que representam a aceitação das propostas governamentais, visto que os grevistas têm de ceder às circunstâncias inevitáveis.

Julga-se improvável que a maioria dos operários determine a recusa das propostas do governo. Os delegados do País de Gales, do condado de York e de alguns outros distritos mostram-se, todavia, inclinados à rejeição das propostas, mas a sua voz não foi bem escutada.

A aprovação das propostas governamentais não conseguiria uma imediata retomada do traalhlo. Em numerosos distritos, surgiriam inevitavelmente dificuldades enormes a demorar a conclusão de acordos regionais.

Tem-se como certo que os proprietários examinarão novamente as propostas do governo e, a persistirem na sua intransigência, o governo dificilmente vencerá as dificuldades que se criaram.

Recusa-se, dando-se mesmo como possível, que os proprietários encerrarem os poços, indispostos a submeter-se ao governo, que não quer, contudo, tomar medidas extremas. — E.

### Os delegados mineiros reúnem-se e nada dizem

LONDRES, 18.—A comissão executiva da federação dos mineiros reuniu-se esta tarde para receber os resultados das votações distritais sobre as propostas governamentais para solução da greve. Nenhuma nota officiosa foi publicada acerca das suas conclusões, afirmando-se, porém, que a maioria se pronunciou pela rejeição das propostas. Acrescenta-se que os homens que actualmente se encontram trabalhando, e que necessariamente rotariam pela aceitação, não foram admitidos nas votações.

A conferência dos delegados reúne-se amanhã para tomar conhecimento dos mesmos resultados e deliberar sobre o caminho a seguir. — (L.).

### A greve dos canteiros de Vigo

Uma atitude odiosa da Confederação Patronal Espanhola

Há muito que em Vigo, conforme notícias, se encontram em greve os operários canteiros. A Confederação Patronal Espanhola, como não conseguiu esmagar o forte e consciente movimento daqueles camaradas, enviou a Portugal agentes seus que andaram pelo Minho ludibriando operários, a fim de os arrastar a furar a greve.

Conforme temos noticiado, os operários portugueses ao chegarem a Vigo, depois de prevenidos pelos grevistas do negro e odioso papel que iam representar, recusavam-se a trabalhar, regressando ao seu país.

A Confederação Patronal Espanhola resolveu ultimamente recorrer a este expediente odioso: confiscar-lhes o dinheiro que levavam.

O côsul português em face disso protestou como era seu dever e pediu à Polícia de Emigração que não permitisse a saída do país dos operários canteiros.

Foi preso em Barcelos um espanhol que andava com falsas declarações, procurando arrastar operários, tendo conseguido ludibriar 20.

Mais uma vez prevenimos todos os operários canteiros que não aceitem contratos de trabalho para Vigo, enquanto durar a greve dos seus camaradas daquela classe.

### Secção telegráfica C. G. T.

Rurais do Cano. — Segue delegação, domingo próximo, comboio das 9,10.

### Federações

ALIMENTAÇÃO

Sindicato dos Manipuladores de Pão de Santarém. — Recebemos requisição. Segue expediente.

Manipuladores de Pão de Coimbra. — Recebemos officio. Agradecemos envio delegados Figueira da Foz.

Manipuladores de Pão de Évora. — Recebemos officio e credenciais delegados ao Conselho.

Manipuladores de Pão da Figueira da Foz. — Estamos organizando estatutos. Requistem expediente e nomeiem delegados ao Conselho Federal. Recebemos manifestos.

Manipuladores de Pão de Setúbal. — Recebemos officio. Pegam delegados à assembleia se o julgam conveniente e nomeiem delegados ao Conselho Federal.

A VENDA A 10.ª SÉRIE

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

### Cautela de penhores

Encontra-se na nossa redacção uma cautela de penhores, da Caixa de Crédito Popular, que será entregue a quem provar pertencer-lhe

# Vida sindical

## C. G. T.

### A última sessão do Conselho Confederal

Presidiu Alberto Dias, servindo de secretários António Costa e Quirino Moreira. Expediente: credencial da Associação dos Chauffeurs do Sul, indicando seu delegado Augusto Duarte, que tomou assento; telegramas: do sindicato de Mineiros de Aljustrel, comunicando manter o seu delegado; da U. S. O. de Évora, protestando contra as resoluções tomadas e mantendo o seu delegado; officio do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Cano, pedindo a nomeação de um delegado a uma sessão, sendo nomeado Quirino Moreira.

Iniciaram-se depois os trabalhos.

Alberto Monteiro requereu nova leitura do relatório da comissão administrativa da C. G. T., sendo aprovado.

Carlos José de Sousa procedeu a essa leitura.

Fez-se também a leitura de um officio da Federação de Calçado, Couros e Peles, no qual se fazem apreciações em torno da não aceitação do delegado Silva Campos e propõe uma reconsideração.

O delegado da mesma Federação, presente à reunião, emitiu a opinião de que o officio e os telegramas fossem imediatamente discutidos.

Gonçalves Vidal discordou, pois, considerando que, sendo a sessão o prosseguimento de uma ordem de trabalhos, se deveria abrir a discussão do relatório da comissão administrativa.

António Monteiro pediu informações acerca de uma afirmação contida no relatório em referência a uma campanha derrotista, pedindo que lhe seja dito quem a promoveu e declarando que qualquer resposta o satisfaria, pois não desejava abrir debate. Manifestou discordância com a orientação ideológica de *A Batalha* por entender que o operariado discute todas as tendências. Concordeu com o principio da não remuneração de cargos, assim como com a constituição de um comité pró-presos, reconhecendo a melindrosa situação do advogado da C. G. T. perante a sociedade e acusando finalmente um comité de pró-presos existentes de nada ter feito.

Carlos José de Sousa discordou da redução do pessoal de *A Batalha*, porque tal resolução, a tomar-se, tornar-se-ia prejudicial, mas só com dinheiro se poderá melhorar o jornal.

Mário Castelhanu concordou com vários alvites contidos no relatório, mas entendendo que o anterior conflito na C. G. T. não deva ser agora debatido. Discordou das opiniões de Monteiro em referência à *Batalha* e emitiu opiniões suas a este respeito. Concordeu com a formação de um comité nacional pró-presos, apresentando a seguinte moção:

«Considerando que o Conselho Confederal ao apreciar o relatório da Comissão Administrativa, deve ter em vista apenas a questão que interessa à situação actual e futura da organização, sob o ponto de vista moral, social e financeiro e de todos os órgãos seus derivados;

«Considerando que os factos passados só interessam ao Conselho no seu aspecto moral, não devendo ser pelo mesmo profundamente apreciados, já porque não se encontra devidamente esclarecido para isso, em todos os seus detalhes, como por uma questão de interesse colectivo atender imediatamente: o robustecimento da organização, para o que, a Comissão Administrativa apresenta no relatório alvites aceitáveis;

«Considerando que a situação financeira da C. G. T. tem de ser analisada por todos os organismos aderentes;

«Considerando a absoluta necessidade de se resolver o melhor possível a questão de *A Batalha*, Subsídio aos presos e advogado ao Conselho Jurídico, de conformidade com a situação da C. G. T.;

«Considerando o problema da propaganda como o principal elemento para o fortalecimento da C. G. T., o Conselho Confederal, atendendo às dificuldades expostas no relatório da C. A. e aos alvites pela mesma apresentados, resolve:

«Tomar conhecimento do relatório da C. A., na generalidade e deliberar só sobre os seguintes pontos de interesse imediato e mediato da organização.

Sobre situação financeira: «Que o Comité Confederal exponha aos organismos confederados a situação financeira da C. G. T., a fim de que ela sofra modificação favorável.

Sobre *A Batalha*, Conselho Jurídico e Caixa de Solidariedade:

«Que como questão transitória e para atenuar a crise do jornal, o Comité dirija um apelo aos organismos confederados, no sentido de contribuírem para a sua manutenção e envie listas de auxílio para serem distribuídas pelas respectivas officinas;

«Nomear uma Comissão pró *A Batalha*, com o fim de angariar donativos, promover festas, até que o jornal fique livre da difícil situação em que se encontra, o que se verificará logo que a situação, da C. G. T., se modifique sensivelmente.

«Que a referida Comissão desenvolva toda a propaganda no sentido da expansão de *A Batalha*.

«Que a direcção de *A Batalha* fique a cargo do Comité Confederal, com os seguintes elementos que farão parte do mesmo Comité: 1.º director, 1 editor e 1 administrador, que estarão sempre em contacto com o Comité para a orientação do jornal, que deve ser a demarcada pelos Congressos.

«Que o Comité elabore um regulamento de acordos com os chefes de Secção e respectivo pessoal ficando reservados direitos e deveres de cada um;

«Atendendo às dificuldades constatadas e não podendo a C. G. T., suportar o elevado auxílio aos presos, auxiliar a constituição dum Comité nacional, já em preparação, extra-sindical e fazer convergir os esforços de todos os organismos no sentido do seu desenvolvimento, suspendendo até ao novo Congresso, o auxílio aos presos;

«Continuar prestando a assistência jurídica aos confederados;

«Que o comité atenda à situação do advogado em serviço dentro das possibilidades da C. G. T.;

«Encarregar o comité confederal de encaminhar a administração de *A Batalha* para a direcção de

seguir novo advogado, em virtude dos desejos do actual em retirar-se.

Sobre propaganda: «Intensificar a acção da propaganda na provincia e dentro das possibilidades da organização e tendo em conta que o seu desenvolvimento contribuirá para o desfogo da C. G. T. e seu robustecimento revolucionário;

«Que o comité, logo que a situação financeira o permita proceda à impressão dos estatutos da C. G. T., introduzindo-lhe as alterações aprovadas para completo conhecimento dos trabalhadores organizados».

António Monteiro foi de parecer que a moção era muito vaga, entendendo melhor que se nomeasse uma grande comissão com representação de todas as secções e que todos os organismos formados extra-sindicalmente devem ser auxiliados. Apresentou a seguinte proposta:

«Proporho que seja nomeada uma comissão de estudo às necessidades de *A Batalha*, em todos os aspectos, devendo elaborar um parecer que apresentará à próxima sessão do conselho. Em matéria de auxílio moral e expansão extra-sindical, ele deve ser prestado aos organismos existentes».

Mário Castelhanu defendeu a criação de um só organismo.

António Monteiro, porém, discordou. Alexandre Assis lembrou que o relatório fala da constituição de uma comissão de inquérito aos actos de dois militantes da C. G. T. envolvidos no passado conflito, entendendo que se deve nomear essa comissão.

Mário Castelhanu repetiu a sua opinião acerca do Comité Nacional Pró-presos.

Alfredo Lopes referiu-se ao documento contido no relatório, o qual preconiza a nomeação de uma comissão de inquérito de deslealdade pelos próprios acusados, entendendo que essa comissão deve ser agora constituída por pessoas idóneas.

Alberto Monteiro fez considerações acerca do jornal, cuja situação financeira poderia ser melhorada com uma larga propaganda em todo o país. Defendeu a extinção da Caixa de Solidariedade, ficando a sua cotização na C. G. T.

Mário Castelhanu e António Monteiro trocaram explicações sobre organização da solidariedade.

Gonçalves Vidal considerou mais pratico a imediata nomeação para cargos, devendo escolher-se os mais competentes a fim de estudarem criteriosamente a situação. Entendeu de consideração que os efectivos sindicais influem na situação financeira de *A Batalha* e no auxílio aos presos. Explanou o que o aumento da cota confederal foi decidido em reunião do conselho, em contrário de resoluções de congressos, prejudicando-se os organismos que não comportam o encargo e, por isso, se mantêm afastados. Defendeu a prestação de solidariedade sem atender ideologias e sem ter em conta o carácter extra-sindical de organismos que já dispõem essa solidariedade.

Castelhanu e Torcato fizeram considerações em torno dos assuntos em debate.

Gonçalves Vidal propôs, no momento da votação, que se dividisse a proposta de Monteiro em duas partes. Aprovado.

A primeira parte foi aprovada por maioria, em votação nominal, sendo rejeitada a segunda parte, também por maioria e nominalmente.

A moção de Castelhanu votou-se por períodos, sendo aprovados os períodos não prejudicados pela votação anterior.

O delegado de Couros e Peles requereu a discussão do expediente antes da eleição dos corpos directivos.

Faustino Ferreira discordou, invocando a necessidade de se normalizar a situação da C. G. T.

António Monteiro lembrou a necessidade de a C. G. T. enviar delegados aos organismos em conflito, a fim de esclarecê-los.

Mário Castelhanu manifestou a conveniência de as nomeações se fazerem após a definitiva constituição do conselho.

Gonçalves Vidal concordou.

Augusto Duarte discordou da não aceitação de delegados.

António Monteiro apresentou a seguinte proposta:

«Que o assunto — delegações rejeitadas na reunião de 12 p.p. — seja relegado para a próxima reunião do conselho, devendo entretanto a C. A. ou Comité Confederal, enviar delegados junto dos respectivos organismos visados, no sentido de poder extrair ao conselho a opinião exacta dos mesmos, por via de toda a sua composição orgânica».

Gonçalves Vidal propoz que se fizessem votações.

Eduardo Braga discordou da proposta de Monteiro, que considerava atentatória da autonomia dos organismos.

Alberto Monteiro requereu que se passasse à nomeação na comissão administrativa, com prejuizo dos oradores inscristos. Este requerimento foi rejeitado, em votação nominal.

Suspendeu-se a sessão, devido ao adiamento da hora, incumbindo-se a comissão administrativa da C. G. T. de fazer nova convocação, quando julgasse oportuno.

### Conselho Confederal

Para continuação dos trabalhos reúne na segunda-feira, pelas 20 horas, o Conselho Confederal.

### Conselho Jurídico

Hoje, pelas 21 horas, dá consulta o advogado deste conselho, a todas as pessoas que venham munidas da respectiva cadereta confederal.

### C. S. T.

### Conselho geral

Reúne-se hoje, pelas 20 e meia horas, com a seguinte ordem de trabalhos: officio do Comité Pró-presos, pendente da última reunião do anterior C. G.; nomeação de delegados à C. G. T. e resoluções do Congresso.

### Comunicações

Federação dos Trabalhadores Rurais — Conselho Federal. — Reúne-se em 14 do corrente com a representação dos sindicatos de Safara, Siborro, Jeromenha, Vila Glória, Seda, Vila Boim, Elvas, Ervedal, Beja, Pavia, Fronteira, Souzel, Cano, Santo

Alcavovas e São Amador. Foi apreciado vários expedientes, entre o qual se encontrava um officio de Alfredo Lopes no qual declarava não aceitar a nossa delegacia junto do Conselho Confederal, sendo tomada resolução para a nomeação de outro delegado. Apreciei o officio de António Marcelino. Foi justificado o motivo da não realização do Conselho Federal Extraordinário, em virtude da Comissão Revisora de Contas não ter terminado os seus trabalhos. Apreciei o parecer da Comissão Revisora de Contas, o qual, depois de discutido, foi aprovado por unanimidade. Resolveu realizar um Conselho Federal Extraordinário para apreciar a vida financeira da Federação, logo que a Comissão Administrativa tenha concluído os trabalhos para o mesmo. Apreciei o pedido de demissão do secretário adjunto, devido ao seu estado de saúde e não permitir, sendo aceite e resolvido nomear, para o substituir, Augusto Tomás, o qual foi aprovado. Apreciei o estado amorfo de alguns sindicatos, pelo que sente a necessidade de uma intensa propaganda. Resolveu officiar ao delegado pelos sindicatos de Alter do Chão e Estremoz, perguntando-lhe sobre o motivo das faltas nos conselhos. Foi informado o Conselho da constituição de um Sindicato de Trabalhadores Rurais em São Vicente, concelho de Elvas, sendo tomado em consideração. Apreciei ainda o estado do Sindicato dos Rurais de Borba, sendo resolvido que o delegado seu representante se informe do que é passado no sindicato referido e dar conhecimento ao Conselho do que apurar.

Reunem hoje:

S. U. Mobiliária — Pelas 20 horas, os delegados ao congresso local.

Federação Metalúrgica — Pelas 20 horas, a comissão administrativa.

Federação Mobiliária — Pelas 20 e meia horas, o conselho federal, para continuação de trabalhos. Devido à urgência dos assuntos a tratar é conveniente a comparência de todos os delegados.